

VIDEOVIGILÂNCIA NO CENTRO HISTÓRICO OU “BIOVIGILÂNCIA”?

08-Feb-2010

Â Opinião

Texto de Carlos Vieira Â

Â Hoje Â o Dia Europeu de Protecção de Dados, o que levou a Comissão Nacional para a Protecção de Dados a chamar a atenção da população para os riscos de divulgar informação e opiniões pessoais nas redes sociais, tipo Facebook, que poderão ser pesquisados, por exemplo, por empresas que pretendam saber dados não legais acerca da vida pessoal dos candidatos a emprego. Outro dos alertas prende-se com a utilização cada vez mais generalizada da videovigilância. Recordo que a Comissão Nacional de Protecção de Dados chumbou, há pouco tempo, a instalação de 32 câmaras de videovigilância na Baixa Pombalina, a pedido da autarquia lisboeta.

Num inquérito efectuado, recentemente, pelo Distrito de Viseu, alguns dos entrevistados mais jovens manifestavam-se contrários ao uso de câmaras de videovigilância, apontando como alternativa o policiamento de proximidade (como agora está a ser feito na Rua Direita, graças ao Contrato Local de Segurança entre o município e o Governo Civil, reforçando o policiamento com meios humanos e de locomoção adequados àquela artéria) e o repovoamento do centro histórico. Essa é precisamente a solução que eu tenho vindo a defender, nomeadamente, nestas condições, indicando como alternativa mais eficaz aquilo a que chamo de “biovigilância”: a vigilância que salvaguarda a vida social da cidade pode traduzir. A reabilitação de um terço dos edifícios do centro histórico, que se deixaram degradar, em alguns casos até à ruína, é um caminho que mal se encetou, estando com vinte anos de atraso.

O primeiro presidente da Assembleia Municipal de Viseu e deputado do PSD, Almeida Henriques, há cerca de uma semana, criticou publicamente as políticas de urbanismo que empurraram os cidadãos para a periferia transformando as cidades em “autónticos donuts” relegando para segundo plano o comércio de proximidade. Não se poderia ser crítico da política municipal que tem permitido a asfixia e a morte lenta do pequeno comércio pelo cerco das grandes superfícies à volta da cidade, apostando em “novas centralidades”, a outra face da desertificação humana (e consequente insegurança) do centro de Viseu.